revista Estação Literária
Universidade Estadual de Londrina
ISSN 1983-1048
DESDE 2008

A AULA MAGNA

Lívia Petry Jahn

Ia bem bela e bem gorda pela rua, com o ar triunfante das lavadeiras depois de uma boa briga. Sim, andava com o peito armado, como um galo de rinha, a bunda ondulante, rebolando-se toda, o rosto convicto, os passos duros e decididos. Porque não queria a outra perto dela, queria-a bem longe, o mais distante possível. E assim, lá se ia ela, a correr na frente da outra para ganhar o grande prêmio. E qual era mesmo o grande prêmio? Era encontrar a louça por lavar, a janta por fazer, o marido sempre a reclamar do trabalho, o salário que mal dá para pagar o aluguel, o apartamento apertado, ainda por cima esse vazamento... O grande prêmio era ganhar da outra, da inimiga, da colega de aula, fosse isso nas carreiras em meio à avenida movimentada. Arriscava ser atropelada, mas em alguma coisa, ela era melhor.

Porque odiava a outra, sendo isso secreto ou escancarado. Não, a outra, a inimiga, nunca lhe fizera mal. Ao contrário, até havia ajudado nuns trabalhos pra faculdade. E ela a odiava justo por isso. Escrevia nos trabalhos dela, o que nem ela soubera escrever. E isso era humilhante. Além do mais, a coisa-ruim, a bruxa, lia nela o que ela tentava desesperadamente esconder: o ódio. A outra enxergava atrás da máscara de "boa amiga" quem ela era, o que sentia. Por isso, ela a odiava ainda mais. Porque a bruxa, mesmo sabendo de tudo, tratava-a bem, amistosamente. Se ao menos fosse uma lacraia venenosa, mas nem este consolo tinha. A criatura era cheia daquelas bondades de Madre Teresa de Calcutá: se importava com os pobres, consolava os velhos, contava histórias para as crianças e era a primeira a se alvoroçar quando sabia de algum trabalho voluntário. Raios a partam ao meio! Mania de ser boa-moça! Mas não era por mal, era por natureza. Porque aquela criatura enervante tinha laivos de "princesa utópica", daquelas riquinhas que ainda não acordaram do sonho. Sonhava com um mundo melhor. Ainda por cima era romântica! Argh! E pior: tinha a arrogância de brincar com a professora, chamá-la de "Bicho Papão", fossem velhas amigas.

Ria, comentava livros, emprestava para xerox a nova coleção de poesia portuguesa. As professoras tratavam-na bem, quase como uma igual. Isso dava mais ódio. Ela não tinha medo de dizer o que pensava, de contestar opiniões unânimes acerca dum livro. Tinha suas ideias, ponto final. Era impossível não notá-la na aula. Era impossível se livrar dela. E quanto mais o tempo passava, mais o ódio crescia. Porque a talzinha conhecia os mesmos livros e autores que a professora, sabiam detalhes biográficos, conversavam. Porque afinal, a professora devia estimá-la mais do que a ela, que se esforçava tanto. A outra vivia bem, no luxo. Ela não, ela tinha de contar os trocados para o ônibus. Deus é injusto. A vida é injusta. Porque a uns toca a ter mais que a outros? Ela não sabia. Ela não entendia. Tinha batalhado tanto para ter uma vaga de professora no ensino público... e o casamento? E a filha? Só Deus sabia o quanto ela havia se sacrificado pela filha. Aí, vinha uma burguesinha – que nunca dormiu em rede, que nunca andou de canoa, que nunca pisou o mato, que nunca lavou roupa no rio, - vinha essa fulaninha se exibir na aula! Era só o que faltava!

Tinha vontade de espancá-la até sair sangue, de envenená-la, de matar, esquartejar, fazer alguma coisa terrível. Mas não qualquer coisa: uma coisa

Universidade Estadual de Londrina
ISSN 1983-1048
DESDE 2008

terrível que ninguém visse, ninguém ficasse sabendo, só ela. Só ela saberia o segredo da morte da outra. Ninguém mais. Essa ideia a roía por dentro. Mas como, como livrar-se da tal? Foi pelo dia do aniversário da fulana que a ideia lhe veio: broas envenenadas. Dar de presente umas bolachas caseiras. O veneno era um preparo da Amazônia que não deixava traço no corpo. Matava e não aparecia na autópsia. Perfeito. Fez os biscoitos, engoliu o orgulho, chegou-se à outra e deu o malfadado presente.

Os dias passavam e ela vivia a glória: já imaginava a fulaninha retorcendo-se toda de dor, expelindo sangue pela boca, sem conseguir chamar a ambulância, sem conseguir chamar ninguém. O corpo estendido no chão, fedendo no apartamento. Ah, a Morte matava também os ricos, as fulanas em coberturas de luxo! Havia matado ela, as suas opiniões literárias, as conversas com a professora, o trabalho voluntário, os livros. Aquela uma havia de tombar fria no cemitério. Fria e podre, em decomposição. Ou vai ver, os pais, diante do estado do cadáver, iriam mandar incinerar o corpo.

Nunca mais a encontraria, não ouviria sua risada, não veria mais os olhinhos vivos, brilhantes, tendo uma ideia, dando uma opinião. Ou pior: sendo boa. Porque os colegas também gostavam dela, ela era amiga de todos, de nada adiantava brigar. Ela não tinha esse ódio, essa raiva que come a gente por dentro. Abriu o jornal esperando a notícia, o obituário. Mas ali havia só outros nomes, gentes, uns velhos. Ainda assim, pensou: não devem ter descoberto o corpo. E a ideia do corpo se liquefazendo, putrefacto, empestando o apartamento, o andar inteiro do prédio, lhe lançou num gozo indizível. O marido perguntou que sorriso era aquele na cara dela. Ela disfarçou, disse-lhe que havia tido sucesso no Mestrado, só isso. Sucesso! Sucesso! Sim! A outra morta e ela viva, isso se chama sucesso!

E ninguém nunca vai saber de nada, porque ela foi cuidadosa, entregou os biscoitos sem testemunhas por perto, na hora oportuna. Só as duas sabiam dos biscoitos. Ela e a morta. Preparara-os depois que todos já estavam dormindo, de madrugada, fazendo o mínimo barulho. Tudo como deve ser: na calada da noite. E agora estava vingada, estava viva, gorda, feliz como nunca estivera antes.

Passava triunfal pela calçada, cabeça erguida, peito empinado. Sorria pro marido e fazia festas na filha como há tempos não se via. Não reclamava do trabalho nem do salário pouco. Até resolveu comprar uma carne, fazer um guisado especial... Estava mais jovial, mais alegre, mais VIVA! Na semana seguinte, foi ao salão, mandou pintar e cortar os cabelos, fez manicure e maquiagem. Máscara pronta, foi pra faculdade. Segurava os cadernos e os livros com alegria de criança, hoje ela iria mostrar pra professora e pros colegas quem é que sabia! Hoje ela ia dar opinião! E ninguém ia rir com a professora, e ninguém ia tomar o seu lugar! Adentrou o Instituto de Letras com seu corpanzil de matrona, e, a meio passo de chegar na sala de aula, estancou, branca, lívida, estupefata. A criatura estava lá, na porta da sala, em pé, bem viva e falante. Como? Como? Então, na malícia, a colega se aproximou, perguntou pelo aniversário e depois tascou: - Gostaste dos biscoitos?

Madre Teresa de Calcutá em jeans e fala dengosa, respondeu que ia mesmo comê-los, mas apareceu um menino de rua pedindo esmola. Sabes como é, não dou dinheiro pra droga, dou comida, respondeu a colega. E tudo se afigurou: ela dera-lhe os biscoitos de aniversário, assim, de bom grado. Com aquela cara

Universidade Estadual de Londrina
ISSN 1983-1048
DESDE 2008

bonachona, pediu desculpas, tinha apreciado o gesto da colega, o presente.

Foi então que o inesperado aconteceu: possuída de ódio, de raiva e frustração, a outra começou a chorar. Chorava compulsivamente, soluçava, e só repetia, entre baba saindo da boca e lágrimas: "– Tu deste os biscoitos! Tu deste os biscoitos que eu fiz pra ti! Os meus biscoitos!" E mais não dizia, só chorava. Vieram os colegas ampará-la, veio a professora e até um funcionário trouxe um copo d´água. Que se acalmasse, tudo passa. E ela só chorava e repetia: - "os biscoitos... que eu fiz...." A fulana, sem saber o que fazer ou dizer, foi embora. E naquele dia a aula foi só dela, só pra ela, todos perguntando se estava melhor, todos falando doce com ela, até a professora.